

1970

Lettre du Père Ernest Lecomte au Docteur Fernando Pedroso — (24-VIII-1892)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>

 Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père Ernest Lecomte au Docteur Fernando Pedroso. In *Angola: 1890-1903*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1892 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE
AU DOCTEUR FERNANDO PEDROSO

(24-VII-1892)

SOMMAIRE — *Nouvelles données par un voyageur arrivé au Bié. —
Situation de la Mission. — La Mission des Soeurs.
— Odyssée d'un brave aventurier de la brousse.*

Bié, 24 de Julho de 1892

Meu caro Doutor

Preparava-me para escrever-lhe quando notícias recebidas do interior me vieram fornecer ainda mais vasto assunto. Já lhe ponderei quão necessário é ao Governo português mandar ocupar o Cuando, se não quer perder todo o interior até ao Cuanza; e disse-lhe mais que estava pronto a estabelecer ali uma missão, contanto que nos fossem concedidos meios e pessoal.

As notícias que agora lhe venho comunicar foram-me dadas por um branco do Bié, chegado hoje do Zambeze.

Os ingleses avassalaram o soba do Genji do Barotze, dando-lhe 200 libras esterlinas, vinte armas *Martini Henry* e 200 cartuchos para cada uma, dizendo-lhe que o tomavam sob a sua protecção. Mas outro inglês, que o soba tinha acolhido, declarou-lhe que o contrato feito pelos ingleses significava simplesmente a compra do país.

O soba, furioso, devolveu as 200 libras ao ministro protestante Coillard, estabelecido em Sefula, residência do soba do Barotze Levanica, a um dia de distância ao Sul de Lialui.

Mas os ingleses querem chamá-lo à razão. Já devem dispor agora de uma força poderosa, pois em Fevereiro próximo passado tinham eles reunido em Patamatenga um material importante.

No Bié as coisas vão bem; a Missão está destinada a produzir ótimos frutos, mas, como há poucos recursos, só com o andar dos tempos poderá adquirir um certo desenvolvimento. Os dois contos destinados ao Bié, para pouco chegam; apenas dão para sustentar o pessoal, não sobrando nada para compra de material, nem para construções. Mas paciência, o Governo faz o que pode. Não posso receber mais de 30 crianças e já me vejo obrigado a recusar a admissão de algumas. Se tivesse uma instalação capaz, poderia ter 50 e mais, quase todos filhos, netos e sobrinhos de sobas e de régulos das tribos vizinhas. Os víveres são abundantes, o clima bom, as populações bem dispostas; ao princípio bastante tímidas, por causa da última guerra, vão tomando agora pouco a pouco confiança. Tenho pois a mais consoladora esperança quanto ao futuro desta missão.

A construção das nossas casas e das Irmãs (estão aqui cinco e educam umas cinquenta raparigas) tem exigido e exigirá ainda durante algum tempo muito trabalho. Deceparam-se florestas inteiras. Os leões houveram por bem fazer uma visita ao nosso curral (em Caconda) e numa só noite levaram-nos quatro vacas e um enorme toiro.

Temos aqui um recém-chegado do Zambeze e dir-lhe-ei que é um aventureiro português, que fez uma verdadeira proeza. Acompanhado apenas por quatro crianças, todas com menos de 14 anos, sem carregadores, sem mercadorias, sem provisões, sem uma espingarda, atravessou o Orange, o Changali, o Bucussu, chegou ao Genji, desceu o Zambeze, chegando a Chochong no Bamanguato. Queria seguir até Lourenço Marques, mas num país civilizado nada se faz sem dinheiro. Teve que retroceder, voltou ao Genji e depois ao Bié. Prova ter feito

esta viagem extraordinária pelas cartas que traz de missionários protestantes franceses ao serviço da Inglaterra, no Zambeze. Antes de chegar a Macaricari, no deserto, os leões raptaram-lhe numa noite dois rapazes; à volta outro morreu de fome e de sede, e o quarto, viu-se obrigado a carregar com ele durante uns poucos de dias.

Ao sair do rio Wata, o seu recurso foram os gafanhotos vermelhos, grandes, sem asas; ao desfilar dão ideia de um esquadrão de cavalaria. Segundo ele diz, é um prato excelente. Do Genji ao Bié encontrou-se sempre com densas populações porque, para evitar o deserto Ninda, tomou ao Norte e seguiu o rio Muchume, afluente do Lungue-Vungo. Diz que em toda a parte foi muito bem tratado, não lhe faltando coisa alguma.

Havendo tido uma erisipela numa perna, estava exausto de forças ao chegar ao Bié.

Eis um explorador, sepultado no olvido, cuja narração daria um verdadeiro romance. Parece-me que este arrojado viajante tem a regular contas com a justiça; quis refugiar-se em país inglês, mas tão bem o acolheram, que preferiu voltar.

[*Ernesto Lecomte*]

PORTUGAL EM AFRICA, Lisboa, 1894, (I), p. 192-
-194.

NOTA — Toutes les lettres du Père Lecomte au Docteur Pedroso sont de la connaissance du Ministère d'Outremer. Le «sobado» de Genji était situé sur le Zambèze, au-dessus des cataractes «Vitoria» (Mussionomia). Ce soba a toujours refusé sa soumission au Barotze.